Investimentos chineses no Brasil se concentram em fusões e aquisições

Estudo mostra que dos US$ 12,6 bi que entraram em 2010, só US$ 1,5 bi corresponde ao desenvolvimento de projetos a partir do zero

Cláudia Trevisan
ENVIADA ESPECIAL / XANGAI

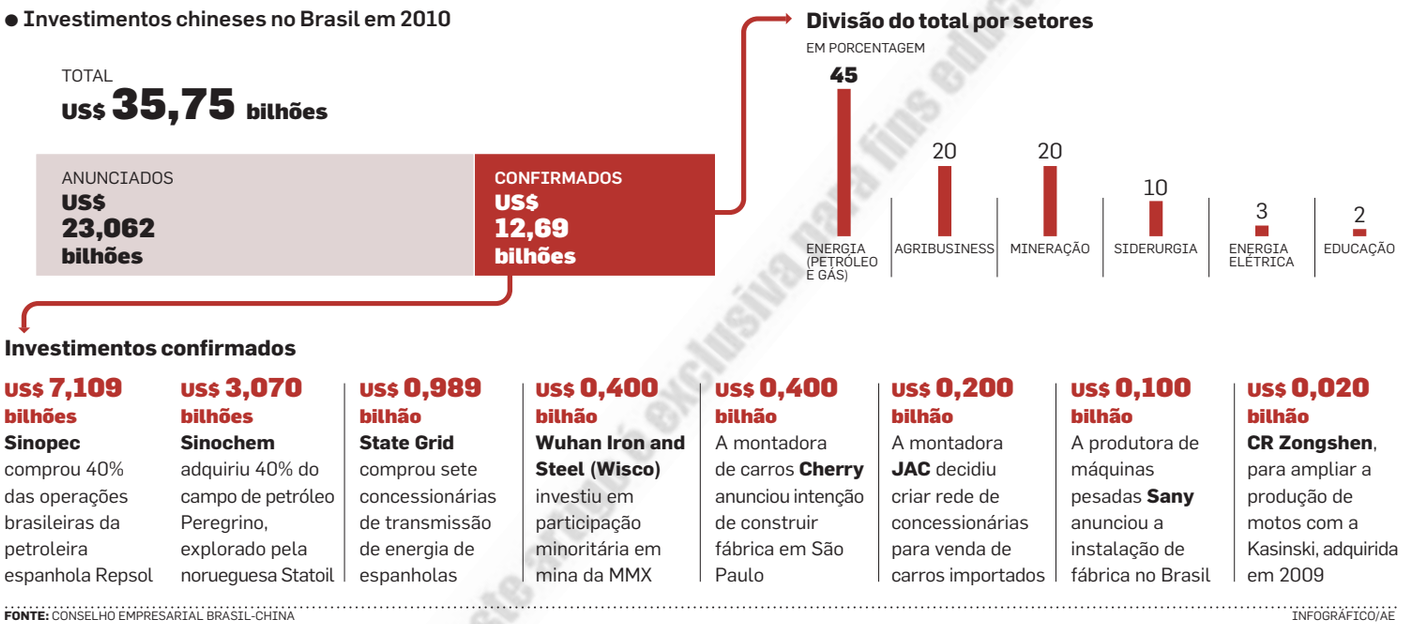
Só 1% dos investimentos chineses no Brasil confirmados em 2010 são de empresas privadas. Nada menos que 93% das operações foram realizadas pelas poderosas estatais controladas pelo governo central, enquanto as 6% restantes têm como protagonistas companhias pertencentes a províncias e municípios, revela estudo do Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) obtido com exclusividade pelo 'Estado'.

O levantamento, que será divulgado hoje, calcula que os investimentos confirmados no ano passado somaram US$ 12,669 bilhões, dos quais 81,6% envolveram a transferência de controle por outras companhias estrangeiras. "Se subtrairmos a troca de controle, obteremos um número surpreendentemente inferior: US$ 1,51 bilhão", observa a pesquisa.

Em outras palavras, o boom de investimentos chineses registrado em 2010 não significou uma injeção de novos recursos na economia brasileira nem o desenvolvimento de projetos a partir do zero, chamados de greenfield. A grande maioria dos negócios foi de compra de operações que já existiam.

A tendência se mantém se forem considerados os US$ 35,75 bilhões resultado da soma dos US$ 12,669 bilhões de investimentos confirmados com os US$ 23,062 anunciados, mas ainda não efetivados.

OS DÓLARES CHINESES



FONTE: CONSELHO EMPRESARIAL BRASIL-CHINA — INFOGRÁFICO/AE

Desse total, 67% são relativos a fusões totais ou parciais, 10% se referem a joint-ventures e 23% são empreendimentos greenfield, mostra o levantamento. Mesmo sem um impacto econômico imediato, o CEBC ressalta que o aumento dos investimentos em 2010 marca uma mudança no relação entre os dois países, que até então era excessivamente focado no comércio.

Dos US$ 12,669 bilhões em negócios confirmados no ano passado, 95% se concentram nas áreas de petróleo e gás, agribusiness, mineração e siderurgia. Sergio Amaral, diretor-presidente do CEBC, diz que esses investimentos colocam o Brasil na base mundial de fornecimento dos produtos que a China precisa para sustentar seu crescimento e alimentar sua população de 1,3 bilhão de pessoas.

Pauta. Esse interesse já se reflete na composição da pauta de exportações brasileiras para o país asiático, na qual 80% das vendas são dominadas por três produtos básicos: ferro, soja e petróleo.

Mas o estudo mostra que os investimentos anunciados em 2010 e ainda não confirmados indicam o aumento do interesse chinês no mercado interno brasileiro e na inserção no "tecido industrial" do País. Para Amara, há uma tendência de diversificação dos negócios e de aumento do peso de setores como telecomunicações e tecnologia.

Segundo ele, a expansão dos investimentos do país asiático representa um novo desafio para o País e exige uma estratégia que os direcione para as áreas que mais interessam ao desenvolvimento nacional: "Precisamos de uma política industrial particular para a China."

No ano passado, só duas megaoperações no setor de petróleo e gás absorveram US$ 10,18 bilhões dos US$ 12,669 bilhões de investimentos confirmados.

Amaral acredita que esse cenário mudou em 2011, o que teria ficado claro durante a visita da presidente Dilma Rousseff à China em abril, durante a qual foram anunciados investimentos de empresas de tecnologia.

As fabricantes de equipamento de telecomunicações ZTE e Huawei revelaram que destinarão US$ 200 milhões e US$ 350 milhões, respectivamente, à construção de centros de pesquisa no Brasil.

Outra característica dos negócios anunciados em 2011 é o predomínio dos projetos greenfield. O estudo do CEBC indica que entre os dez investimentos divulgados desde o início deste ano, oito se referem à construção de novas fábricas no Brasil.

Montadoras da China desafiam indústria brasileira

● A entrada das montadoras chinesas no Brasil é um desafio para a indústria nacional e poderá ter impacto "severo" sobre toda a cadeia automobilística, caso esses novos atores decidam importar os carros prontos ou desmontados em esquema de CKD, em vez de produzi-los localmente, conclui estudo do Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC).

De acordo com o levantamento, três montadoras chinesas anunciaram desde o ano passado investimentos de US$ 620 milhões no Brasil: Cherry, JAC e Dongfeng. As duas primeiras já têm concessionárias e vendem carros no País. Como quase todas as empresas do país asiático que investem no Brasil, as três são estatais.

Os negócios foram os maiores em setores industriais voltados ao mercado interno e provavelmente serão os primeiros de vários outros envolvendo montadoras chinesas. A grande dúvida é o modelo adotado por essas empresas e o impacto que suas escolhas terão sobre as fabricantes instaladas no Brasil e os fornecedores de autopeças. Por enquanto, a opção têm sido pela importação da China. Se a tendência for mantida, isso poderá levar a uma regressão na estrutura industrial brasileira, diz o estudo. / C.V.

Material protegido por direitos autorais de uso exclusivo para fins educacionais

Fonte: O Estado de S.Paulo, São Paulo, 27 maio 2011, Economia & Negócios, p. B7.